

“Levava uma vida sossegada/ Gostava de sombra e água fresca/ Meu Deus, quanto tempo eu passei/ Sem saber/ Foi quando meu pai me disse/ Filha, você é a ovelha negra da família/ Agora é hora de você assumir e sumir”

Depois da saída do Mutantes, Rita Lee se reinventou e seguiu carreira solo com sucessos que marcaram várias gerações de fãs

Valeu pelo auê, Rita

» FRANCO C. DANTAS*

Carreira de Rita Lee despontou na segunda metade dos anos 1960, quando fez parte da banda Os Mutantes, ao lado do então marido, Arnaldo Baptista, e do cunhado Sérgio Dias. Naquele momento, Rita esteve na vanguarda, à frente da primeira grande leva do rock psicodélico na América Latina. Inspirada por referências da samba pós-bossa nova, aquela virtuosa geração de artistas desembocou no Tropicalismo, o movimento musical mais importante do Brasil no século 20, que promoveu uma mixagem inédita entre samba e rock, baião e guitarras elétricas, berimbau e sons eletrônicos, parangolés de Helio Oiticica e performances teatrais, referências populares e eruditas. Na banda, Rita cantava, além de tocar flauta, percussão, sintetizador e banjo, tirando sons musicais até de objetos triviais, como quando usou uma bomba de detetização em *Le premier bonheur du jour*. Em 1967, Os Mutantes deram os primeiros sinais do impacto que causariam na MPB, acompanhando Gilberto Gil no 3º Festival de Música Popular Brasileira, na apresentação da canção *Domingo no parque*.

Em 1968, o grupo acompanhou Caetano Veloso na bombástica performance da música de protesto *É proibido proibir*, no Festival Internacional da Canção, e foram recebidos com vaias e objetos jogados contra o palco. No caso, apupos e vaias consagradoras de uma revolução estética e musical, que impactaria a história da cultura brasileira. No mesmo ano, a banda lançou o primeiro álbum e participou do disco *Tropicália ou Panis et Circencis*, o grande manifesto do Tropicalismo, considerado pela revista *Rolling Stones Brasil* o segundo melhor disco da história da música brasileira. Em 1970, soltaram *A divina comédia ou ando meio desligado*, sucesso de vendas que leva consigo os principais sucessos do grupo.

Clássicos

Após o arrefecimento do Tropicalismo e o rompimento com Arnaldo Baptista, em 1972, Rita foi expulsa da banda e emplacou seu nome emparelhado com o grupo Tutti-Frutti. Em 1975, lançaram o disco *Fruto proibido*, responsável por vários dos maiores clássicos da carreira da cantora, como *Agora só falta você*, *Esse tal de roque enrou*

Escritora de humor ácido

» NAHIMA MACIEL

Dois autobiografias, seis livros infantis, um de pequenas notas ilustradas por Laerte, outro com textos, devaneios e músicas proibidas. Rita Lee, felizmente, não hesitou em fazer dos livros mais um espaço para derramar sua verve brilhante, debochada, inteligente e de um humor excepcional. *Outra biografia*, a segunda depois de *Uma autobiografia*, publicada originalmente em novembro de 2016, chega às livrarias em 22 de maio e traz uma espécie de atualização. Nela, Rita fala sobre o câncer no pulmão, diagnosticado quando uma pandemia assolava o planeta, sobre o tratamento e a rotina recente. “(...) quando decidi escrever *Rita Lee: Uma autobiografia* (2016), o livro marcava, de certo modo, uma despedida da persona Rita Lee, aquela dos palcos, uma vez que tinha me aposentado dos shows. Achei que nada mais tão digno de nota pudesse acontecer em minha vidinha besta. Mas é aquela velha história: enquanto a gente faz planos e acha que sabe de alguma coisa, Deus dá uma risadinha sarcástica”, avisa a artista no início do livro.

Em *Storynhas*, uma parceria com Laerte, ela também fala de tratamentos, mas de outro, de quando fez uma

e *Ovelha negra*, que marcou o apelido que Rita fez jus até o fim da vida.

No ano seguinte, começou seu relacionamento com Roberto de Carvalho, parceiro nas composições e pai dos três filhos da cantora. Juntos, consolidaram o sucesso explosivo de Rita. Em 1979, chegou às lojas de disco do Brasil o primeiro álbum homônimo da artista, com os clássicos *Mania de você* e *Doce vampiro*, ambos em coautoria com o marido. No ano seguinte, a dupla ainda emplacou os hits *Lança-perfume* e *Nem luxo nem lixo*.

Nas décadas de 1990 e 2000, a cantora manteve um status de artista de primeira linha na música brasileira, lançando discos e liderando performances espetaculares. Em 1998, Rita lançou seu *Acústico MTV*, com participações de Paula Toller, Cássia Eller, Milton Nascimento e Titãs. Em 2000, foi a vez de *3001*, com o hit *Erva venenosa*. Dois anos depois, tornou-se apresentadora de um programa de tevê e, no ano seguinte, lançou o disco *Balacobaco*, com o sucesso *Amor e sexo*. Em 2012, teve seu comeback com o álbum *Reza*, estrondoso sucesso comercial.

Rita Lee viveu uma relação conturbada com a sobriedade desde o período inicial da carreira. A geração de músicos a que pertencia foi marcada pelo mantra “sexo, drogas e rock’n roll”, em que era explícito o abuso recorrente de substâncias como LSD, cocaína, álcool e cigarro. O câncer que a vitimou, pode ser relacionado ao tabagismo prolongado.

Em 1976, durante a gravidez, foi vítima de uma farsa pelos militares, aos quais se opôs ferozmente, quando foi presa e condenada sob alegado porte de maconha. Apesar do episódio calunioso, a cantora realmente foi vocal quanto ao vício às drogas. Em 1997, no disco *Santa Rita de Sampa*, a artista se intitula ironicamente como “protetora dos frascos e comprimidos”. A provocação veio pouco depois do episódio em que caiu da varanda sob efeito de barbitúricos, quebrando a mandíbula e perdendo parte da audição.

Instabilidade

Desde o começo do século, entretanto, Rita Lee passou a optar pela privacidade, pela discrição e pela sobriedade. Em 2012, chegou a anunciar a aposentadoria dos palcos, motivada pela instabilidade de saúde. A inatividade foi interrompida brevemente, meses depois pela

Guilherme Samora/Divulgação



Rita Lee: sempre uma artista mutante até os últimos dias

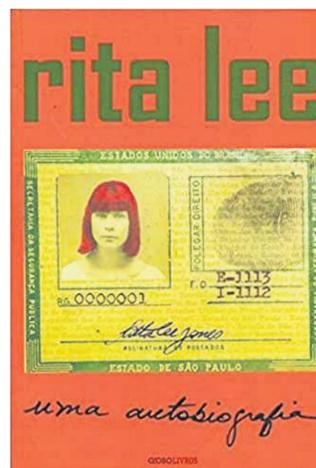
apresentação no Green Move Festival, em Brasília, na qual esbanjou as nádegas em uma performance lendária. Em 2014, escolheu parar de tingir os icônicos cabelos vermelhos e se mostrou dedicada a uma vida pacata, rodeada por jardins, hortas e bichinhos.

A cantora lutava contra o câncer de pulmão desde o diagnóstico no início de 2021, quando começou a sofrer de crises respiratórias. Em abril de 2022, após sessões de radioterapia e imunoterapia,

o tumor entrou em remissão. Segundo o filho Beto Lee, em entrevista ao jornal *O Globo*, a artista sempre manteve a cabeça erguida e encarou tudo com seu bom humor habitual, chegando inclusive a nomear carinhosamente seu tumor como Jair, em referência ao ex-presidente.

Colaboraram Maria Clara Britto* e Lara Oliveira*

***Estagiários sob a supervisão de José Carlos Vieira**



Autobiografia reveladora

Indignada com a maneira como a humanidade trata o planeta, a cantora chamou os humanos de cupins, mas confessou que tinha esperança nas gerações mais novas. “Aposto minhas fichas na geração pós-milennials, que eu chamo de crianças ‘índigo cristal’. Elas é que vão realizar mudanças de consciência na humanidade, uma turminha que vai retomar de onde os hippies pararam: a era do paz e amor. Pode parecer clichê, mas ainda é o lema da bandeira que carregamos”, disse.

Fotos: Reprodução



Tropicália ou panis et circencis (1968)



Os Mutantes (1968)



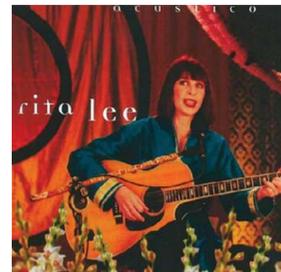
A divina comédia ou ando meio desligado (1970)



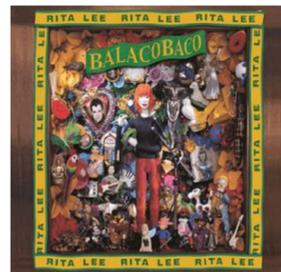
Fruto proibido (1975)



Rita Lee (1979)



Acústico (1998)



Balacobaco (2003)